

I CONGRESSO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA



RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE: A INCLUSÃO DE ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL I NA E.E.E.F. NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

I Congresso Nacional de Práticas de Ensino na Educação Inclusiva, 1ª edição, de 01/08/2024 a 02/08/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-106-6

SANTOS; Maria Cristina Castro ¹, BARBOSA; Brenda de Souza ², CARVALHO; Ana Paula Sfair Sarmento de ³

RESUMO

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE: A INCLUSÃO DE ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ASPECTRO AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

O presente texto é um relato de experiência vivenciada enquanto professora de educação básica na turma do 5º ano do ensino fundamental, em uma escola pública localizada no município de Belém-PA, desenvolvido com uma aluna de 10 anos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O objetivo desta produção é apresentar como as estratégias e procedimentos de ensino utilizados pela professora da sala regular, colaboraram para o avanço no desenvolvimento cognitivo e socioemocional da estudante.

Metodologicamente a discussão se baseia em métodos qualitativos da pesquisa, utilizando-se a proposta da pesquisa-participante, visto que é uma estratégia que envolve, não só a observação direta, como também um conjunto de técnicas metodológicas que pressupõem um grande envolvimento do pesquisador na situação estudada (Lüdke; André, 1986).

A educanda em questão ingressou na escola em questão em 2019 e os registros dão conta de que a estudante já apresentava dificuldades no âmbito socioemocional, acarretando limitações em sua socialização no ambiente de sala de aula, com o comprometimento de funções como habilidades sociais.

Após a pandemia, em 2021, quando houve o retorno das aulas presenciais, ela não conseguia ficar em sala de aula junto com os demais alunos, se desorganizava quase todos os dias, era necessário que a coordenadora pedagógica, ou outra pessoa da escola, ficasse com ela até que os pais comparecessem para levá-la embora para casa, já que a escola não tinha sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e tampouco profissional especializado para atender esse público.

Ao final de 2021, depois de muita orientação e insistência da escola para com os pais, foi apresentado por estes o laudo da aluna com TEA.

Segundo Silva e Mulick (2009):

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, causando o comprometimento de funções como habilidades sociais, habilidades comunicativas, presença de comportamentos repetitivos e perda de interesse pelo seu meio. Demonstrem dificuldades em se relacionar logo nos primeiros anos de vida. (Silva; Mulick, 2009, p. 116 - 131)

¹ SEDUC, crispormissoes@hotmail.com

² EAUFPA, brenadakerollen16@hotmail.com

³ SEMEC, ANAPSFAR@GMAIL.COM

O transtorno afeta o desenvolvimento de algumas funções da criança e houve uma mudança da nomenclatura a partir de novas pesquisas passando a chamar transtorno do espectro autista (TEA), que segundo Cunha (2015, p. 18), “o uso atual da nomenclatura Transtorno do Espectro Autista possibilita a abrangência de distintos níveis dos transtornos considerando-os de leve, moderado e severo”.

Segundo Riviére (2004, p. 242) as crianças que sofrem com autismo assinalam o DSM-IV- “podem manifestar uma ampla gama de sintomas comportamentais, na qual se incluem hiperatividade, âmbitos atencionais muito breves, impulsividade, agressividade, e particularmente nas crianças, acessos de raivas”.

Quando a escola recebeu o laudo, cadastrou a educanda com a segunda matrícula para ser acompanhada por profissionais da sala de AEE em outra escola. Durante o ano letivo de 2022, ela começou a manifestar uma ampla gama de sintomas comportamentais, na qual se incluem impulsividade, agressividade e acessos de raivas.

Em 2023, o desafio, enquanto professora do 5º ano, era proporcionar uma educação inclusiva oportunizando um ambiente agradável, acolhedor e de respeito para que todos tivessem seus direitos garantidos. Elegendo três importantes áreas do desenvolvimento: social, emocional e cognitiva foi implementado um plano de trabalho que consistia em desenvolver, semanalmente, atividades em grupo. Para que os ganhos desse âmbito pudessem ser alcançados, foi necessário trabalhar também o controle emocional da aluna.

Para tanto, foi necessário conhecer as preferências da aluna e fortalecer vínculos com a professora regente, demonstrando cuidado, carinho e confiabilidade. Com isso, observou-se que ela se tornou mais participativa e envolvida com a turma. Um progresso observado nela, com relação a sua interação social, foi seu envolvimento progressivo nas atividades em grupo: na primeira tentativa, ela se levantou da sala e disse que preferia fazer atividade sozinha porque não queria ouvir a opinião e o trabalho havia ficado feio. Por meio do direcionamento e orientação prévios da professora, no segundo trabalho em equipe, os alunos ouviram a sugestão dela e acataram e, em seguida, a convenceram. Já no trabalho seguinte, ela deveria aceitar a opinião da maioria mesmo que não concordasse e assim o fez.

Com o passar do tempo, ela mesma escolhia o grupo que queria participar e sentava na roda para participar das atividades propostas em grupo. Para trabalhar o controle emocional, foi usado como estratégia o diálogo com a estudante e a turma, visto que ela adorava dialogar e refletir, aproveitava-se desses diálogos para abordar questões de como lidar com as insatisfações e ela mesma refletia e concluía que nem todo tempo as coisas dariam certo e estava tudo bem. Com a turma, foi dialogado que evitassem fazer barulho desordenado e que usassem um tom de voz suave nas conversas. Para trabalhar essa questão do barulho, a professora utilizava música, filmes, e brincadeiras direcionadas, colocando a educanda para direcionar as brincadeiras utilizando o “mascote” da sala, personagem em desenho criado por ela e assim denominado pela turma, para incentivar nas brincadeiras e nas correções coletivas das questões das atividades.

Com o tempo ela não precisou usar mais o fone de ouvido para abafar o som externo. Os alunos diziam que ela havia mudado, que não era mais a mesma do ano anterior e, ela mesma, com o sorriso no rosto, dizia que havia “tocado fogo na turma” na ausência da professora, era uma forma de dizer que havia provocado agitação alegre na turma com instigações. Depois, com autonomia, ela já conseguia participar das aulas de artes e educação física sem o acompanhamento da professora regular.

Para despertar o gosto pela matemática, utilizou-se jogos, desafios, ensino individualizado. Com o passar do tempo, ela disse que seria arquiteta, pois já estava aprendendo matemática.

Este relato demonstra um avanço no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da aluna com transtorno do espectro autista, apresenta a estratégia utilizada para que a inclusão educacional efetiva fosse garantida, demonstra o potencial da aluna para o seu desenvolvimento integral e sinaliza a aptidão para novas descobertas.

¹ SEDUC, crispormissoes@hotmail.com

² EAUFPA, brenakerollen16@hotmail.com

³ SEMEC, ANAPSF@GMAIL.COM

PALAVRAS-CHAVE: Educação Inclusiva, Autismo, Escola.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão:** psicopedagogia práticas educacionais na escola e na família. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

RIVIÉRE, Ángel. O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento. *In: Desenvolvimento psicológico e educação.* (org). César Coll et al. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 234-254.

SILVA, Micheline; MULICK, James A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Inclusiva, Autismo, Escola

¹ SEDUC, crispormissoes@hotmail.com

² EAUFPA, brenakerollen16@hotmail.com

³ SEMEC, ANAPSF@GMAIL.COM